

Voltando para casa

Gisela Cardoso da Silva*

Resumo

O artigo tem por objetivo proporcionar ao leitor uma idéia da teoria de Carl Gustav Jung sobre o envelhecer humano. O texto contém uma síntese da história “O mágico de Oz”, que é usada como metáfora para o processo de individuação, uma das grandes contribuições que Jung deixou para se compreender a jornada humana. A luta de Dorothy, a heroína da história, para voltar para seu lar permeia todo o texto, e a frase “Não há lugar como nossa casa” é usada como motivo para refletir sobre as idéias de “casa” e “lar” como lugares simbólicos da alma que atingem a maturidade. Dorothy também foi a fonte de inspiração para a metáfora do desenvolvimento da consciência, que, para Jung, é o centro de todo o trabalho humano em torno do Si-mesmo. O texto inicia com a letra da música “Over the rainbow” e aproveita a tradução para lembrar ao leitor desejo, comum a todos nós seres humanos, de encontrarmos um lugar ideal para vivermos. As fotos usadas no artigo são de pessoas citadas no texto e foram tiradas pela autora, e a opinião de cada um sobre o que é envelhecer serve de estímulo

para quem estiver passando pelo mesmo processo e para quem ainda vai chegar lá. “Voltando para casa” tenta enfatizar a idéia de que envelhecer é parte da vida e não pode nem deve ser negado, mas, sim, compreendido e valorizado. O texto sugere que o ser humano é uma fonte rica de possibilidades e que cada etapa da vida tem seus prazeres e suas limitações, que podem ser mais bem vividos quanto maior consciência a pessoa tiver de si mesma, independentemente da idade que tiver.

Palavras-chave: Casa. Lugar. Metanóia. Consciência. Individuação.

* Psicóloga clínica, arteterapeuta, professora de Introdução à Abordagem Junguiana e de Mediação na Dança do Curso de Pós-Graduação em Arteterapia da Centrarte.

Recebido em maio 2006 e avaliado em jul. 2006

*Há um lugar de que ouvi falar
 Numa cantiga de ninar
 Em algum lugar, acima do arco-íris
 O céu é azul
 E os sonhos que você ousa sonhar
 Se tornam realidade
 Um dia farei um pedido às estrelas
 E acordar num lugar onde as nuvens estão
 Muito atrás de mim.
 Onde os problemas derretem como
 dropes de limão
 Bem acima do alto das chaminés
 É onde vai me achar
 Em algum lugar, acima do arco-íris
 Os pássaros azuis voam
 Os pássaros voam acima do arco-íris
 Por que, então, eu não posso?
 Se os felizes passarinhos azuis voam além
 do arco-íris
 Por que eu não posso?*
 (“Somewhere over the rainbow”, Harold
 Arlen/ E. Y. Harburg, tradução livre).

Quando recebi o convite para escrever para a terceira idade, logo veio a minha mente a história do “O mágico de Oz”, que ficou eternizada no cinema especialmente pela música (cuja letra está na abertura deste texto), na voz doce e afinada de Judy Garland. Acho esta história muito rica em símbolos e, no que se refere ao processo de “envelhecer com saúde”, o que me chamou à Dorothy e seus amigos foi a frase “não há lugar como nossa casa...” A frase ficou tão presente que comecei a pensar mais profundamente nela. Que casa é essa?

Apesar de a história ser direcionada mais para as crianças, que, entre outras coisas, podem estar descontentes com seus lares ou com os problemas que encontram neles, creio que podemos imaginar a idéia

de casa para algo mais amplo do que “espaço físico familiar”. Quando escuto “casa” e/ou “lar”, penso em algo íntimo, um “porto seguro”, alguma coisa que nos é própria, que transformamos num lugar especial, no “nosso lugar”... E volta a pergunta: Que lugar é esse? O que ele tem que o torna tão especial?

Sabemos que a vida é uma aventura incrível, que cada um de nós tem seus desafios para enfrentar e seus limites para confrontar. Quando crianças, geralmente o lugar de segurança que temos é junto com nossos pais, ou com algum adulto que nos ofereça o conforto de nos proteger e assegurar o nosso crescimento, garantindo as necessidades físicas básicas e o apoio afetivo de que tanto carecemos. Ao crescermos, vamos descobrindo novas facetas que a vida nos oferece e passamos a perceber que aquele “outro” do qual esperávamos tanto (e que provavelmente nos deu “tanto”) já não podia garantir a demanda de velhas e/ou novas necessidades. (Refiro-me ao que acontece com famílias que têm uma estrutura considerada adequada, sem me deter em casos em que pode haver ou ter havido abandono, maus-tratos ou outras agressões àquilo que é tido como um desenvolvimento saudável do ser humano, no geral). Voltando às novas necessidades deste ser que, na verdade, vai se transformando com o passar do tempo, começamos a sentir que o espaço físico pode ser apenas uma representação deste espaço de que sentimos falta dentro de nós.

Somos seres de passagem: estamos sempre “morrendo” para alguma coisa e “renascendo” para outra. As escolas de psicologia trouxeram e trazem comprova-

ções das crises que acompanham a todos nós, seres humanos, nas diferentes fases de nossas vidas. Cada vez mais aparecem estudos científicos com novas nuances sobre o desenvolvimento infantil, as turbulências dos adolescentes, as dificuldades de deixar a adolescência e entrar na vida adulta, a crise da meia-idade, do “ninho vazio” etc. Somos cheios de crises, justamente porque cada fase que dizemos “nova” é precedida por uma “velha” que temos que “perder”. São as “perdas necessárias”, tão bem descritas no *best-seller* de Judith Viorst.

Muitos autores e pesquisadores da psique falaram sobre a chamada “terceira idade”, mas vou enfocar neste texto o pensamento de Carl Gustav Jung. Psiquiatra suíço e fundador da psicologia analítica, Jung foi um dos maiores estudiosos da alma humana e, já no início de sua carreira, tinha grande interesse em conhecer os segredos da psique; queria saber mais sobre a personalidade humana. Enquanto acompanhava seus pacientes no decorrer dos atendimentos, Jung também observou a si mesmo, ou seja, foi objeto de estudos de sua própria psicologia. O resultado de suas descobertas está na extensa obra que deixou, na qual se podem perceber a profundidade e a tentativa de ser fiel ao empirismo psicológico, apesar de ele mesmo afirmar que o estudo da psique é uma tarefa por demais complicada, pois é a psique observando a si mesma. Jung percebeu a experiência humana como uma jornada, na qual cada um tem sua própria caminhada, mas cuja meta para todos é “tornar-se indivíduo”, ou seja, realizar a experiência do “Si-mesmo”, isto é, ser sujeito de sua própria história. Ele

chamou a isso de “processo de individuação”. Esta jornada, na visão junguiana, é obra de uma vida inteira, na qual cada fase apresenta contribuições e desafios a serem levados em conta. No texto “as etapas da vida humana”, que faz parte das *Obras Completas*, editada pela Vozes, Jung afirma que é a evolução da consciência que traz os grandes problemas humanos. Diz que não dá para sabermos como surgiu a consciência no homem, pois “[...] não estávamos presentes quando os primeiros homens se tornaram conscientes” (JUNG, 1998, p. 407).

Jung afirma que podemos ter uma idéia dos primórdios da consciência ao acompanhar o despertar da mesma numa criança pequena. A criança começa reconhecendo e fazendo conexões que se transformam em “ilhas de consciência”; com o passar do tempo, essas ilhas vão se tornando mais complexas e vão adquirindo energia própria. Somente mais tarde é que aparece um “centro” para organizar todas essas “ilhas”, que é quando o “complexo do eu” (ou do ego) se forma e a criança vai sentindo que é alguém, que tem um centro de subjetividade, uma identidade como pessoa. Nos primeiros anos de vida, a ligação com os pais ainda prevalece, a dependência é total e a sensação é de que não existem “grandes problemas” a serem resolvidos, pois a criança não tem poder para resolver nada, nem responsabilidade sobre a própria vida. Isso não significa que não haja conflitos na criança, mas, sim, que não há uma maturidade de consciência para que possa entender o que está acontecendo com ela, pois não tem ainda condições para fazer uma reflexão mais elaborada da situação nem um ego madu-

ro para realizar as próprias escolhas. Nos primeiros anos de vida do ser humano, a natureza instintiva ainda “reina absoluta” e os adultos responsabilizam-se totalmente pelos pequenos, que ainda não “nasceram” totalmente para a vida psíquica.

O nascimento psíquico e, com ele, a diferenciação só ocorrem na puberdade, com a irrupção da sexualidade. A mudança fisiológica é acompanhada também de uma revolução espiritual. Isto é, as várias manifestações corporais acentuam de tal maneira o eu, que este freqüentemente se impõe desmedidamente. Daí o nome que se dá a essa fase: “os anos difíceis” da adolescência (JUNG, 1998, p. 407).

Não é por acaso que a adolescência se transforma numa tentativa quase desesperada de auto-afirmação, já que tantos anos de identificação com os genitores começam a pesar nesse “processo de individuação”, que vai “capturando” cada vez mais o ser humano à medida que o tempo passa.



Figura 1 - Dona Iracema.

Sabemos que ao nascer já temos uma série de expectativas depositadas sobre nós. Como seres dependentes, para que

possamos sobreviver, vamos tentando ao máximo corresponder (considerando o que acontece com a maioria) a essas expectativas. Queremos e precisamos ser aceitos, queridos, amados. Cada criança gosta de reinar absoluta e, quer queira quer não, vai absorvendo do ambiente familiar os valores e modelos que têm ao seu redor. Além de ser uma “esponja” capaz de absorver o meio externo, ainda existe a herança genética, a herança psíquica e a cultura vigente do período em que a criança nasce. Além disso tudo, segundo Jung, também existe uma *psique* ou alma, que quer e precisa se realizar! Quer dizer, são muitas coisas a serem conhecidas e adquiridas, e até mesmo repetidas do meio externo, mas há, igualmente, um “mundo interno”, que carrega seus mistérios, suas particularidades e que vai batalhar para ser reconhecido e respeitado. É assim, neste ir e vir de informações, imagens e comportamentos, exigências externas e internas, que a consciência vai “navegando”, e o “Eu”, ou “Ego”, é o responsável para “dirigir o barco” nesta ou naquela direção.

Jung coloca a consciência como uma obra “contra a natureza”, já que ela conduz o indivíduo para um trabalho de se diferenciar da natureza inconsciente. Ele fala que há um impulso para a individuação, e este é praticamente o drama mais básico com que temos de lidar em nossas vidas: ficar entre aquilo que já é conhecido, acomodado e confortável, ou enfrentar os riscos que chegam com o desejo do novo, de alguma coisa ainda não vivida, não experienciada.

Se pensarmos na consciência como algo que se forma a partir do inconsciente e que vai se desenvolvendo progressi-

vamente, podemos pensar que ela é a “pedra” de apoio para a realização da grande obra da individuação. Como afirma Grinberg (1997), analista junguiano, é [...] “como se ela fosse um ‘órgão’ invisível que também cresce, desenvolve-se, adoece, necessita de cuidados e transforma-se ao longo de nossas vidas” (p. 71).

Essa fala toda sobre a consciência é importante para entendermos a dinâmica de desenvolvimento que Jung propõe: o crescimento se dá pela maturidade da consciência e estruturação do ego, e cada idade ou cada fase que a pessoa atravessa é uma experiência importante e contém elementos fundamentais para que o ser humano passe da sua condição inicial de “passivo-dependente” para a de sujeito ativo, que conquista seu “lugar” no mundo e em si mesmo. Falando em lugar... volte-mos agora ao filme *O mágico de Oz*:

A história passa-se em algum lugar do Kansas, EUA, onde há riscos constantes de furacões. Dorothy vive com “Tia Em” e “Tio Henry”, que possuem um sítio nesta localidade. Dorothy tem um cachorrinho, de nome Totó, a quem ama muito. Na vizinhança, mora a Srta. Gulch, uma mulher rabugenta e mal-humorada, que, logicamente, não gosta de crianças nem de animaizinhos. Ela se incomoda com o cãozinho de Dorothy e ameaça-o. Dorothy tenta falar para seus amigos e tios sobre a ameaça da vizinha rabugenta, mas nem os tios nem os empregados do sítio lhe dão a atenção de que ela necessita, e, para completar, a “bruxa” vai pessoalmente buscar Totó para levá-lo ao xerife. Ameaça também os tios de Dorothy, que não têm outra saída a não ser deixar que o cãozinho parta com a Srta. Gulch. Totó consegue escapar

da mulher e volta para casa, mas Dorothy foge com ele, preocupada com o que pode acontecer se ficarem por ali. Após andar alguns metros, Dorothy depara-se com um homem na estrada, que finge ser um adivinho e “descobre” que a menina está fugindo de casa porque ninguém a compreende, mas a convence de que Tia Em está triste e doente por causa de sua partida, o que faz com que Dorothy queira voltar imediatamente.

Ao retornar ao sítio, porém, um tornado se aproxima e todos correm para o abrigo, mas Dorothy não chega a tempo e a cena que se segue mostra a casa girando dentro do tornado, levando Dorothy e alguns personagens do sítio, como os ajudantes dos tios, o “adivinho” e a vizinha rabugenta. Dorothy vê as coisas e pessoas girando em torno da janela de seu quarto e sente-se girar também, e só pára quando a casa “aterrissa” num lugar estranho, onde imediatamente os moradores do local vêm recebê-la e festejar sua chegada, pois a casa acabara de cair em cima da Bruxa Má do Leste, que há muito tempo atormentava a população local. A Bruxa Boa do Norte, de nome Glinda, chega e esclarece Dorothy sobre o que está acontecendo, perguntando o que ela deseja. Dorothy diz que só quer voltar para o sítio, no Kansas. Glinda diz que apenas o “Mágico de Oz” pode realizar esse desejo e dá a ela os sapatos vermelhos que pertenciam à Bruxa Má. Os sapatos são mágicos e devem ajudar Dorothy a chegar à Cidade das Esmeraldas, onde habita o grande “Mágico de Oz”, que lhe concederá o retorno tão esperado. A Fada Boa mostra-lhe o caminho dos “tijolos amarelos” e orienta à menina que siga por ele, pois a conduzirá à

Cidade das Esmeraldas. E assim Dorothy e seu cãozinho partem em sua aventura, confiantes e esperançosos de voltarem para casa. No caminho, porém, Dorothy encontra três figuras esquisitas que se tornam seus amigos e a acompanham até o mágico, pois cada um deles está precisando de algo e Dorothy os ajuda a crer que o grande mágico de Oz vai conseguir dar-lhes o que querem: uma alma para o Espantalho, um coração para o Homem de Lata e coragem para o Leão Covarde. O que esse excêntrico grupo não sabe é que são seguidos de perto pela Bruxa Má do Oeste, irmã da falecida Bruxa do Leste e que quer para si os sapatos mágicos. Ela tenta de todo jeito atrapalhar a paz dos caminantes, mas, apesar das tentativas, os quatro amigos conseguem chegar à Cidade das Esmeraldas, onde são muito bem recebidos por seus habitantes, que os preparam para o esperado encontro com o Grande Mágico. Ao fazerem seus pedidos, o Mágico de Oz diz que poderá atendê-los, mas com uma condição: que derrotem a Bruxa Má do Oeste. O Leão Covarde quer fugir, todos se apavoram, mas superam suas dificuldades e enfrentam a Bruxa Má. Após atravessarem terríveis momentos, o grupo consegue se livrar da bruxa e corre de volta para o mágico. O que eles não esperavam é que o mágico fosse uma fraude! Totó puxa o cortinado que o mágico usava para se esconder. Na verdade, ele era um homem comum e usava técnicas para impressionar as pessoas, como um alto-falante para ampliar o som de sua voz, uma cabeça fictícia gigante, muita fumaça colorida e som de trovões. O mágico sente-se bastante envergonhado ao ser desmascarado, mas, depois das desculpas

e entendimentos, honra com medalhas e certificados os companheiros de Dorothy, concedendo a cada um o reconhecimento das virtudes que buscavam. Foi graças à inteligência do Espantalho, que teve várias idéias para derrotar a bruxa, à coragem do Leão, que superou seus medos para salvar Dorothy, e ao coração do Homem de Lata, que todo tempo se encheu de amor para ajudar a menina, que eles conseguiram chegar à meta. O mágico conta-lhe como fora parar ali: chegara num balão de gás, agradara a todos e acabara arranjando um “emprego” de mágico. Ele se compromete a levar Dorothy para casa, mas Totó escapa do balão na hora da partida e Dorothy salta para pegá-lo, enquanto o balão voa com o mágico. Dorothy fica triste e chora, mas logo a cena muda e ela aparece deitada em sua cama, rodeada por seus tios e companheiros do sítio, esperando que ela acorde após ter sido apanhada pelo tornado. Sim, tudo não passara de um sonho. Ela acorda e leva um susto, pois vê nos rostos que sorriem ao recebê-la com tanto carinho as feições amigas de seus companheiros de viagem. E ela acredita, finalmente, que tudo já estava ali, pois “não há lugar como nossa casa”.

Se usarmos alguns aspectos da história e os relacionarmos com a jornada que fazemos em nossa vida, talvez possamos entender simbolicamente as aventuras e desventuras que precisamos enfrentar para encontrar o “nosso lugar”. Podemos pensar em Dorothy como um símbolo do Eu ou ego. A menina que não consegue ser ouvida e que sonha com um lugar mágico, onde não existam problemas, pode representar o sonho do ego de reinar absoluto e realizar tudo o que deseja. A pessoa que

tem uma visão infantil da vida quer fugir dos problemas, quer ir para um mundo mágico, onde haja só alegria... Isso tem a ver com a busca do “paraíso perdido”, que nossa cultura infelizmente continua reforçando. A percepção que Dorothy tem das pessoas e do lugar onde vive muda muito após a experiência na terra de Oz. Basicamente é o que acontece conosco. Na primeira metade da vida, aproximadamente, temos sede de auto-afirmação, queremos conquistar nosso espaço, “dominar o mundo”. Se as coisas não acontecem conforme esperamos, ou se somos contrariados, sentimo-nos incompreendidos, mal-amados. A consciência, nesta fase, está voltada para o reconhecimento familiar e social, para os estudos, para a procura de um parceiro, para a afirmação profissional e a segurança financeira. É a exigência da conquista de um espaço no mundo e, ao mesmo tempo, há um outro mundo, cheio de pulsões e instintos a serem administrados. Literalmente, o ego fica esmagado entre os choques e desafios dos mundos externo e interno!

Se procurarmos extrair os fatores comuns e essenciais da variedade quase inexaurível dos problemas individuais que encontramos no período da juventude, deparamo-nos com uma característica peculiar a todos os problemas desta fase da vida: um apego mais ou menos claro ao nível de consciência infantil, uma resistência às forças fatais existentes dentro e fora de nós e que procuram envolver-nos no mundo. Alguma coisa dentro de nós quer permanecer como criança, quer permanecer inconsciente, ou, quando muito, consciente apenas do seu ego; quer rejeitar tudo o que lhe é estranho, ou então sujeitá-lo à sua própria vontade; não quer fazer nada, ou no máximo satisfazer sua

ânsia de prazer ou domínio (JUNG, 1998, p. 407).

A história do Mágico de Oz mostra a necessidade que o ser humano tem de buscar seu próprio caminho, de andar com suas próprias pernas. Dorothy arrisca-se para salvar seu objeto de afeto. Ela abandona o que está seguro por amor a Totó. O cãozinho pode simbolizar o afeto por algo novo e frágil, que precisa ser cuidado. Ela arrisca separar-se dos afetos antigos para salvar o novo; ao mesmo tempo, sente falta daquilo que é conhecido. E ela estabelece, mesmo sem ter consciência disso, uma meta: encontrar um caminho onde o novo e velho possam viver juntos, voltar para sua verdadeira casa... sem abrir mão do desafio, de arriscar-se ao desconhecido, de enfrentar medos e dificuldades. Ela sai da casa familiar e parte em busca de um caminho novo. Logo ouve o conselho de alguém mais “sábio”, que compreende a dor da menina e mostra que ela pode encontrar uma outra solução que não seja a de fugir. Mas não é fácil para Dorothy voltar para casa... Parece que a vida exige que ela mergulhe mais fundo em si mesma, que “gire” para dentro do redemoinho do inconsciente e busque de forma simbólica ou imaginária o seu verdadeiro Eu.

Como peças de um quebra-cabeça que vão se encaixando, ela tem de se deparar com seus vários personagens internos, dar a cada um o que lhe é devido e se autorizar a ser uma pessoa de coragem, que sabe pensar e decidir por si mesma e que valida seus próprios sentimentos, isto é, escuta seu coração. O caminho dos tijolos amarelos pode sugerir a “estrada da consciência”, que se amplia, se divide, se atrapalha, se perde... mas que tende a

chegar aonde precisa. A Fada Boa concede-lhe os sapatos vermelhos da Bruxa Má. Os sapatos estão ligados aos pés, que são nossos condutores, nossos guias na marcha da vida. O vermelho sugere energia vital, força, e também fogo, paixão, impulsividade. É a cor do sangue, que lembra vida e sacrifício. E pertenciam à Bruxa Má. A metáfora dos sapatos vermelhos da bruxa pode representar a “sombra” humana. Fazem parte da sombra todos nossos “defeitos”, as coisas que negamos e/ou reprimimos, o nosso pior lado, que preferimos esconder.

Enquanto nos esforçamos para satisfazer a expectativas e criamos uma “persona” (máscara), que nos permite sermos aceitos socialmente, em nível inconsciente vai se constelando uma “sombra”, com características opostas à da persona. Jung conceituou persona e sombra como partes integrantes da totalidade humana, e, no processo de individuação, é fundamental que possamos identificar as várias máscaras que cobrem nosso verdadeiro “eu”, bem como é importante que possamos aceitar nossa sombra e resgatar a energia que está ali contida, justamente por ser desconhecida.

Nem sempre a sombra é cheia de coisas “negativas” ou “ruins”. Muitos de nós não assumimos potenciais enormes e construtivos, que ficam igualmente presos na sombra se não conseguirmos torná-los conscientes. Ao calçarmos os “sapatos vermelhos da bruxa”, poderemos estar calçando a aceitação da totalidade humana (que significa estarmos acolhendo as nossas boas e as nem tão boas características). Essa idéia de sermos “inteiros”, não “perfeitos”, é uma das contribuições mais

fantásticas de Jung, no meu entender. Dorothy segue sua meta, leva suas “faltas” para serem preenchidas, enfrenta sua sombra, integra partes dela e consegue o reconhecimento que tanto almeja: de que é amada e capaz de agir por si mesma.

Entendo que Dorothy, ou o ego, após passar por inúmeros desafios e alcançar (ou não) o merecimento esperado, pode entrar, como Dorothy, numa busca por um lugar mágico, querer fugir. Outros, porém, ousam entrar (ou entram à força) no “redemoinho” do inconsciente; estes vão “além do arco-íris”, onde aparentemente existem a paz e a beleza, mas também personagens desconhecidos, cheios de excentricidade, bondade e, igualmente, perigos e riscos a correr, como na segunda metade da vida. É a “metanóia” de Jung, ou a “crise de meia-idade”.

Depois que o ego consegue se satisfazer com as conquistas e reconhecimentos durante a primeira metade da vida (perto dos 35, 40 anos, em média), geralmente a pessoa começa a sentir-se incomodada com o que antes lhe dava contentamento e prazer. Normalmente é uma fase de perdas consideráveis, como a entrada dos filhos na adolescência, as rugas que vão surgindo, o corpo que não responde mais como antes etc. Ao contrário da sociedade oriental, na qual a figura do velho é símbolo de sabedoria e respeito, no Ocidente há um grande preconceito com o envelhecer. Jung acreditava que o ser humano não viveria tanto tempo se isso não tivesse um sentido para a espécie. Ele observou que é mais ou menos na metade da vida que o inconsciente inicia uma espécie de “reversão de valores”, uma mudança que pode começar de forma modesta, mas muito importante. Pode ser

uma mudança no caráter da pessoa, ou traços da infância que voltam à tona, ou até mesmo inclinações e interesses novos. Como o ego vai lidar com as mudanças vai depender de cada indivíduo.

Quem se protege contra o que é novo e estranho e regride ao passado está na mesma situação neurótica daquele que se identifica com o novo e foge do passado. A única diferença é que um se alheia do passado e o outro do futuro. Em princípio, os dois fazem a mesma coisa: mantém a consciência dentro de seus estreitos limites, em vez de fazê-la explodir na tensão dos opostos e construir um estado de consciência mais ampla e mais elevada. Este resultado seria o ideal, se pudesse ser conseguido nesta segunda fase da vida (JUNG, 1998, p. 407).

No livro *A força do caráter*, da Editora Objetiva, James Hillman, analista junguiano contemporâneo, já na “casa” dos oitenta anos, esmiúça o que é ser um velho e vai colocando, com todo sentimento e poesia que lhe são próprios, sobre as mudanças que vão se “apoderando” dos velhos e do quanto a velhice é necessária para que o caráter de uma pessoa se complete. Este livro é maravilhoso e creio que seja um “tratado” psicológico sobre o envelhecer. Entre as coisas lindas que Hillman traz encontramos uma questão que ele diz ser crucial para os idosos e que tem tudo a ver com a escolha de Dorothy: agarrar-se a alguma coisa ou cedê-la.

[...] devemos nos envolver de todo o coração nos acontecimentos do envelhecimento. Isto requer curiosidade e coragem – neste caso, coragem para deixarmos para trás velhas idéias e nos deixarmos levar por idéias desconhecidas, deslocando a importância dos acontecimentos que tememos. Ou seja: a coragem de ser curioso (HILLMAN, 2001, p. 19).

É a primeira vez na história da humanidade que temos pessoas “velhas novas”. Explico: nunca se viram tantos idosos saudáveis, ativos, bem dispostos e de bem com a vida. Há alguns anos, aposentadoria era sinônimo de um envelhecer sem graça, da imagem do velho rabugento, “perdido” dentro de casa, lendo seu jornal e dando palpites na vida de todo mundo, inclusive na vida da “sua velha”, que até podia se aposentar enquanto profissional, mas não se aposentava das “lidas domésticas” e familiares. Mas as coisas estão mudando. Vejo meus pais, amigos e parentes com mais de sessenta anos buscando os desafios propostos por Hillman.

Coloco nestas páginas a imagem e a opinião de algumas pessoas que sinto realmente ressignificando a velhice. Vejo neles a imagem da Dorothy, principalmente na dona Iracema (Figura 1), que, após enfrentar duramente um sério problema de visão, deixou de calar suas dores para expressá-las nas mais diferentes artes. Ela já escreveu um livro e prepara outro, molda maravilhas em argila, pinta, dança, canta, está aprendendo violão e participa de diversos concursos literários. Ela não deixa de se preocupar com seus filhos e netos; a diferença é que não mais se abandona para viver *por* eles; ela preferiu viver *com* eles. Dona Iracema tem 73 anos.

Para Lucy, 64 anos, as coisas não são muito diferentes. Apesar de ter a formação em “Belas Artes”, a preocupação excessiva com os filhos e a dedicação a uma religião para a qual “os outros” sempre deveriam vir em primeiro lugar não a deixavam viver suas potencialidades artísticas (Figura 2).

A “mãezona” nela não desapareceu, pois, quando pode, continua fazendo de

tudo por todos, mas já se permite fazer outras coisas, como se divertir com as personagens das novelas, ir ao cinema, caminhar, além de “tirar um tempo” para seus estudos e desenvolvimento artístico. Lucy diz que envelhecer, para ela, “é aproveitar a vida ao máximo, gostando das coisas boas e tentando entender as ruins. É ter um ‘sentido para viver’”.



Figura 2 - Oloir e Lucy.

Seu marido, Oloir, 69 anos, é o típico vovô: querido por todos os filhos e netos, está sempre a brincar e a dispor de sua presença. Também sente suas dores, o corpo já não é mais o mesmo, e o que mais o assusta na velhice é o “sentimento de solidão que às vezes aparece, e até uma coisa de depressão”, mas isso não o impede de visitar sua família, de assistir aos jogos de futebol, de acompanhar sua esposa onde for preciso e de desenvolver seu trabalho em madeira, ofício que descobriu há não muito tempo, mas que lhe dá imenso prazer. De que ele mais gosta, porém, é estar entre seus familiares, principalmente se estiverem tocando e cantando...

São exemplos de “novos velhos”, pessoas especiais que não querem ficar presas

ao passado. Penso que o passado não deve ser negado nem pode ser esquecido. O que normalmente percebo nas pessoas que temem o envelhecimento é que se apegam demais ao que passou; há um desesperado saudosismo, uma negação das atuais possibilidades e a não-descoberta de novas potencialidades. Ter um certo saudosismo, uma nostalgia, falar e lembrar o passado é maravilhoso, mas viver aberto para o novo é permitir que se mantenha acesa a chama da vida.

A psicologia junguiana vê a segunda metade da vida como uma jóia rara, uma preciosidade. Após passar anos e anos atendendo às expectativas externas e cuidando para acertar ao máximo em tudo o que faz, finalmente, o ser está “liberado” para atender aos chamados de sua alma. É como se houvesse um sentimento de dever cumprido com as leis da juventude: “Pronto, você já contribuiu com sua parte ativa, como trabalhador efetivo, agora pode ser um trabalhador *afetivo*!” Após a conquista do sustento material, pode buscar mais profundamente o alimento espiritual; pode ousar experimentar sem tanto medo de não dar certo; pode falhar que não terá mais medo de ser punido. É na segunda metade da vida, geralmente, que os filhos estão grandes e as obrigações diminuídas, liberando a pessoa para ampliar a sua consciência, para buscar mais intensamente novas possibilidades, para sentir-se mais inteira, sem medo de calçar os sapatos vermelhos da “bruxa”...

Dona Iracema acredita que os grupos são fundamentais para o idoso continuar a se divertir e encontrar pessoas com objetivos parecidos. É assim que pensa também dona Lea Costi, 74 anos, que procura nos

grupos de terceira idade a parceria que precisa para dançar, fazer exercícios físicos, conversar com amigos e “trocar figurinhas”, de todas as espécies. São os “novos velhos”, uns precisando estar com outros de sua idade; outros, nem tanto, mas todos se esforçando para encontrar um “lugar” onde se sintam dignos e honrados. “Não há lugar como nossa casa”, diz Dorothy, não há prazer maior do que se “sentir em casa” num corpo de cinquenta, sessenta, setenta, oitenta... ou mais. O corpo de prazer extrapola as “paredes” da pele. A verdadeira casa que dá prazer é mais parecida com um lar, onde há tolerância, amizade, respeito, aceitação, familiaridade; onde a gentileza e a elegância não são apenas “regras de boa convivência”, mas, sim, experiência de vida colocada em prática. Termino com as palavras de Dornelis Benato (Figura 3), um “jovem” de 64 anos, analista junguiano e amigo querido:

O envelhecer é uma realidade muito objetiva. Não tenho mais a fantasia de buscar a formação de fortuna ou sucesso. Estou voltado para o meu desenvolvimento interior. Estou totalmente dedicado à alma e suas manifestações. Aceito com tranquilidade as minhas limitações físicas da idade. Contudo, o trabalho interior é mais gratificante, profícuo e profundo. A agitação da juventude nos distrai muito dos nossos verdadeiros objetivos. Mas são fases diferentes e todas têm um fim em si mesmas. Sinto que envelhecer com reconhecimento e aceitação é muito bom. É a preparação para o meu encontro final com a minha plenitude.

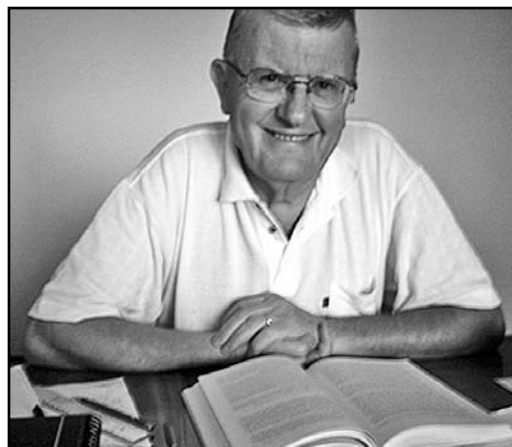


Figura 3 - Dornelis Benato.

Abstract

Going back home

The objective of the article is to provide to the reader an idea about the theory of Carl Gustav Jung on human aging. In the text there is a summary of the story “The Wizard Of Oz”, that is used as a metaphor to the Individuation Process, one of the great contributions left by Jung to the understanding of the human journey. The struggle of Dorothy, heroine of the story, to come back home permeates all the text, and the sentence “There’s no place like our house” is used as a reason to reflect the ideas about “house” and “home” as symbolic places for a soul that has reached maturity. Dorothy was also the source of inspiration for the development of the conscience metaphor, which, according to Jung, is the center of all human work round the Self. The text begins with the song “Over The Rainbow” and uses its translation to remind the reader about the desire of finding the

ideal place to live that all human beings have. The pictures showed in the article are from people mentioned in it and were taken by the author. Their opinion about aging is used to stimulate other people that are going through the same process and for others that are on the way. "Going Back Home" tries to emphasize the idea that aging is part of life and cannot and should not be denied, but understood and valorized. The text suggests that the human being is a rich source of possibilities and that each stage of life has its pleasures and limitations and that, depending on the level.

Key words: House. Place. Metanoia. Conscience. Individuation.

Referências

GRINBERG, L. P. Jung. *O homem criativo*. São Paulo: FTD, 1997.

HILLMAN, J. *A força do caráter*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JUNG, Carl G. *Obras completas*. Petrópolis: Vozes, 1998. v. III.

Endereço:

Gisela Cardoso da Silva
Rua 18 do Forte, 422/503
CEP 95020-472
Caxias do Sul - RS
E-mail: gisedpc@terra.com.br